

O CEC em revista antes da “Revista de Cinema”: uma análise das publicações “Cenário” (1952); “Cinema” (1952) e “Cinerama” (1953)¹

Enaile Almeida de Andrade²

Felipe Borges Silva³

Nísio Teixeira⁴

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Resumo

O presente trabalho examina três publicações de cinema criadas em Belo Horizonte entre a fundação do grupo do Centro de Estudos Cinematográficos (CEC), em setembro de 1951 e o lançamento da “Revista de Cinema” em abril de 1954: “Cenário” (1952); “Cinema” (1952) e “Cinerama” (1953). A análise elenca pistas sobre o interregno entre a criação do CEC e da “Revista de Cinema”, uma vez que todas as três são editadas por integrantes do CEC e reúnem serviços e informações sobre o grupo, além da produção crítica de alguns de seus principais nomes naqueles primeiros anos, como Maria Antonieta Salles, José D. Novaes e Raimundo Fernandes, que pouco ou nada terão publicados na vindoura “Revista de Cinema” - o que evidencia também as polêmicas e paixões vividas na expansão editorial do cineclubismo belo-horizontino naquele tempo.

Palavras-chave: Crítica de cinema; Centro de Estudos Cinematográficos; Coleção Linhares; Belo Horizonte.

Introdução

O Centro de Estudos Cinematográficos foi criado em setembro de 1951 em Belo Horizonte e logo se tornou uma forte referência na discussão crítica. “O CEC, além da continuidade que o singularizou, permitindo uma acumulação rara de experiências, trouxe o dado diferencial: a criação da Revista de Cinema, em 1954” (Xavier, 2014, p. 10). Para Xavier, com esta publicação o grupo expandiu seu raio de ação tanto de leitores como de colaboradores, colocando a reflexão ali produzida em patamar nacional e, acrescentamos, até mesmo internacional, como na célebre história contada pelo “cequiano” Geraldo Magalhães quando, em 1960, se matriculou no Centro

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Audiovisual e Mídias Sonoras, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. A autoria dedica o trabalho à memória do crítico, roteirista e cineasta Paulo Augusto Gomes (1949-2024).

² Bacharela recém-graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: enaile.jor@gmail.com.

³ Estudante de Graduação do 8º. semestre do Curso de Jornalismo da FAFICH-UFMG, e-mail: felipebs14052002@gmail.com. Bolsista do Programa de Monitoria da Graduação - PMG do Departamento de Comunicação Social-FAFICH/UFMG.

⁴ Doutor em Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. (PPGCOM/UFMG). Orientador do trabalho. Integrante do grupo de pesquisa Escutas. E-mail: nisiotei@ufmg.br

Experimental de Cinema na *Cinecittà*, em Roma, e foi interpelado pelo professor Giulio Castello, titular da cadeira de crítica cinematográfica: “o que você veio aprender aqui, se vocês têm lá em Belo Horizonte a Revista de Cinema e o Centro de Estudos Cinematográficos?” (Magalhães in Coutinho e Gomes, 2001, p.229). Como ainda assinala Gomes (1997)

A década de 50 foi sobretudo marcada pela evolução do pensamento cinematográfico em Belo Horizonte. Já na segunda metade dos anos 40, notava-se na cidade uma ebulição em torno do assunto, com a ideia de criação de cineclubes e ocupação de colunas especializadas nos jornais. E em 15 de setembro de 1951 um grupo de jovens intelectuais, liderados por Jacques do Prado Brandão, Cyro Siqueira, Fritz Teixeira de Salles e Newton Silva fundava o CEC - Centro de Estudos Cinematográficos, para a exibição e discussão de filmes de qualidade. Funcionando em uma sala no andar superior do cine Art-Palácio, o CEC reunia integrantes de todas as áreas artísticas, sem distinção de ideologia ou posição política. (Gomes, 1997, p. 15).

Paulo aponta como os subprodutos de sua atividade não demoraram a aparecer:

alguns deles se tornando no mínimo tão famosos quanto o próprio CEC. O primeiro deles foi a “Revista de Cinema”, cujo número inicial surgiu em abril de 1954, logo propondo, capitaneada pelo diretor Cyro Siqueira, uma importante discussão que defendia a revisão do método crítico. Em seus 25 números da primeira fase e mais quatro, num segundo momento, a “Revista de Cinema”, se impôs nacionalmente (e mesmo fora do país), influenciando decisivamente os primeiros passos da carreira de Glauber Rocha, que mais tarde desceria da Bahia até Belo Horizonte, na esperança de desenvolver na cidade um polo de produção cinematográfica. Além de Cyro, Jacques do Prado Brandão, Guy de Almeida, José Roberto Duque de Novaes e Newton Silva ocuparam cargos de direção na primeira fase da revista. Com ela, passou a competir a “Revista de Cultura Cinematográfica - RCC”, editada pela UPC - União de Propagandistas Católicos, que teve vida mais longa que a da “Revista de Cinema”, mas nem por isto obteve a mesma repercussão. Foi dirigida por Geraldo Fonseca, Elísio Valverde, Argemiro Ferreira e José Alberto da Fonseca. Fato inédito: em determinado momento dos anos 50, Belo Horizonte era a única cidade do Brasil a ter, não uma, mas duas publicações especializadas em cinema. E teria uma terceira, nos anos 60: o jornalzinho “Claquete” (transformado em revista apenas em seu último número), editado por uma nova geração de críticos formados pelo CEC, da qual faziam parte Ronaldo Brandão, Oscar Lobenwein Filho e Victor de Almeida. (Gomes, 1997, p. 16)

O ano de 1954, quando foi lançada a “Revista de Cinema” é, precisamente, o último ano dos periódicos recolhidos pela Coleção Linhares. Trata-se de um acervo de exemplares de 839 títulos de publicações periódicas lançadas em Belo Horizonte entre

os anos de 1895 e 1954, organizada por Joaquim Nabuco Linhares (1880-1956), servidor público, jornalista e colecionador mineiro. O material, adquirido pela UFMG, recebeu estudo crítico acoplado às descrições do próprio Linhares sobre cada publicação por ele coletada (Linhares, 1995).

Mas se a “Revista de Cinema” não chegou a ser recolhida por Linhares em seu acervo, outras três publicações surgidas entre os anos de 1952 e 1953 o foram: “Cenário” (1952); “Cinema” (1952) e “Cinerama” (1953). O que elas têm em comum é que todas trazem material muito interessante que não só evidenciam esta expansão editorial do pensamento cineclubista belo-horizontino, que se concretizará em poucos anos a partir da “Revista de Cinema”, como sugerida anteriormente por Gomes, mas também dão pistas pouco conhecidas sobre o interregno entre a criação do CEC em 1951 e o surgimento da “Revista de Cinema” em 1954. Isso porque todas as três publicações, sem exceção, reúnem textos, serviços e informações sobre o grupo. “Cinema”, inclusive, foi a publicação lançada como sendo o primeiro veículo oficial do CEC, em 1952. É igualmente curioso que poucas ou quase raras menções existam a essas publicações, que foram dirigidas e/ou escritas por vários dos integrantes do CEC, incluindo dois autores que, apesar de bastante lembrados e destacados pelos membros do grupo, pouco ou quase nada publicaram na célebre revista que surgiria em 1954: José Duque de Novaes e Raimundo Fernandes. Outro destaque que emerge do conjunto analisado é o nome de Maria Antonieta Rocha Salles, uma crítica feminina, algo incomum à época, cujo texto “revelação” foi premiado na publicação “Cinema” e logo em seguida se tornou frequente nas páginas de “Cinerama”.

Novaes e Fernandes estão à frente de “Cenário”, lançada exatamente um ano após a criação do CEC, a 15 de setembro de 1952, grupo do qual ambos foram membros de primeira hora, juntamente com Carlos Lott Caldeira e Charles Corfield. Os quatro, aliás, têm textos na publicação, assim como Mário Caldeira e outro (que assina apenas A.) provavelmente Afonso Torres. Isso porque, nessa edição, a única disponível no acervo Linhares, produzida de forma artesanal e datilografada, ainda traz, escrito à mão e sobre o título da publicação, o seguinte: “organizado por Raimundo Fernandes, Maurício Otávio, Charles Corfield, Afonso Estevão Torres, José Roberto D. Novais, Carlos Lott Caldeira, Mário Jacques V. Caldeira” (Cenário, 1952, p.1). Novaes assina um texto sobre o cinema inglês; Fernandes sobre a relação das artes plásticas com o

cinema; Corfield sobre Chaplin; Mário Caldeira sobre a comédia; Torres sobre o horror e Carlos Caldeira sobre o próprio CEC, que destacaremos adiante.

Logo na primeira página de “Cenário” há dois recados importantes: o primeiro deles, intitulado “Apresentando” traz o manifesto editorial da publicação e evidencia este pensamento cineclubista anteriormente abordado:

CENÁRIO nasceu entre algumas garrafas de cerveja e uma dose acentuada de otimismo. Mas isso não quer dizer que encerre algo de pretensão sofisticada, caro leitor. Sua apresentação mesmo, ainda em fraldas, diz da idade dos vagidos que CENÁRIO articula. Todavia, vem com ares de gente grande, que quer realizar alguma coisa de útil e proveitoso. A infantilidade e a pobreza exteriores agazalham uma enormidade de projetos honestos, sérios, que só o futuro evidenciará sua concretização. Tratará de cinema, mas Cinema com C maiusculo, Cinema como deve ser tratado: como arte, como algo que signifique mais que duas horas de lazer (mas que na maioria das vezes é de sofrimento...) (...) A sua experiência, caro leitor, ser-nos-á de utilidade incomensurável, e por isso, temos certeza que conselhos não serão ousados. Nosso desejo é esse mesmo: utilizar do CENÁRIO para aprimorar os nossos e os seus conhecimentos. Porque desse auxílio mútuo todos sairão beneficiados: CENÁRIO, a cultura cinematográfica de nossa terra e nós, os batalhadores pela colocação do cinema em seu lugar devido. (Cenário, 1952, p. 1 e 6. Grifos do autor.)⁵

O segundo recado, colocado ao lado do anterior, trata, precisamente, da relação entre a publicação e o CEC - e não por acaso está intitulado “Aviso importante”:

O único elo que une CENÁRIO ao CEC é serem os seus realizadores membros do Clube. Por isso, esse arremedo de jornal não tem autorização para representar o pensamento oficial da diretoria do CEC e os conceitos aqui emitidos são puramente de ordem pessoal. E seria também injustiça não deixar atento que é o CEC quem auxiliou a aprimoração dos conhecimentos cinemáticos dos responsáveis por estas folhas. (Cenário, 1952, p. 1. Grifos do autor.)

Em outro texto da publicação, Carlos Lott Caldeira (que abrevia o último nome com um C.) fala sobre o surgimento, os desafios e o êxito da primeira sessão de cinema organizada pelo grupo. Pela citação a seguir, deduz-se que o filme foi “Anjo Perverso” (*Manon*), de 1949, dirigido por Henri-Georges Clouzot, com Cécile Aubry e baseado em livro de Abbé Prévost. Ao mesmo tempo, porém, finaliza em tom mais pessimista:

Assim nasceu o Centro de Estudos Cinematográficos. Um grupo de pessoas se reuniu e, com mais esperanças e boa vontade do que probabilidades de êxito, fundaram o CEC. Nem sequer tinham um

⁵ A autoria manteve a grafia das palavras tal como encontrada nas publicações para as citações neste trabalho.

filme para a sessão inaugural. Salvou a situação o sr. Íris de Almeida, representante dos cinemas da capital, que felizmente, compreendeu o alcance cultural de tal empreendimento. Assim foi exibido, precedido de debates e discussões, um filme francês realizado por volta de 1945, de relativo valor artístico, realizado por um cineasta que pertencera ao movimento neo-realista, iniciado durante a guerra e revelado após ela. A curiosidade da primeira obra apresentada no CEC reside não somente na modernização do romance de A. Prévost, como também na magnífica plasticidade em cenas esparsas onde aparece a estreante C. Aubry, que seria, mais tarde comercializada e estereotipada por Hollywood. Estava lançada, podemos dizer, a primeira pedra para a formação de nosso clube de cinema. Faltava, entretanto, ser firmada aquela e sobrepostas outras. Contudo, a partir da 2a. reunião do CEC, o panorama, que era animador, começa a sofrer sensíveis modificações (continua no próximo número). (Caldeira, 1952, p. 2)

Como dito, infelizmente, só dispomos deste primeiro número da publicação no acervo Linhares, que diz ser mesmo único. Três meses depois, em dezembro de 1952, todos os nomes de “Cenário” reaparecem no volume único da revista ‘Cinema’, que traz Cyro Siqueira como redator responsável e Novaes na publicidade. Um dos poucos estudos encontrados aqui é o trabalho de Ribeiro (1997) sobre o cineclubismo mineiro.

Em dezembro de 1952, o CEC publicou o único número da revista Cinema, que pretendia ser o seu órgão divulgador e apresentava a caracterização do CEC e seus objetivos: “Sociedade Civil, de cunho exclusivamente cultural e artístico, tendo por fim o estudo e divulgação da arte cinematográfica”. Cinema apresentava, também, a constituição da diretoria daquele ano: Presidente - Afonso Estevão Torres; Secretário: Marcelo Álvares; Tesoureiro: Raimundo Fernandes; Diretor Social: Marlena de Paula Salles; Diretor de Programação e Arquivo: Mário Caldeira; Departamento de Publicidade: Carlos Lott Caldeira e Charles Corfield; Comissão de seleção e julgamento: Jacques do Prado Brandão, Waldomiro Autran Dourado e Francisco Iglésias. Raimundo Fernandes, apesar de não ser lembrado por Cyro Siqueira, parece ter sido peça fundamental na história do CEC, já aparecendo como tesoureiro na diretoria de 1952. Jacques do Prado Brandão, na entrevista citada, apontava Raimundo Fernandes, por sua dedicação, interesse e zelo pelo cinema e pela entidade, como a personalidade que mais o impressionou naqueles dez anos de CEC. Raimundo Fernandes fazia parte de um grupo, do qual também participavam Mário Jacques Caldeira e Clóvis D’Ávila, que frequentavam o cinema quase diariamente. Certa vez, discutindo um determinado filme, na casa de um deles, tiveram a ideia de fazer um clube de cinema. A primeira providência que tomaram foi a de procurar o pessoal que escrevia crítica nos jornais de Belo Horizonte. No primeiro contato, ficaram sabendo que Cyro Siqueira, do Estado de Minas, estava também com a mesma ideia e pretendia reativar o Clube de Cinema de Minas Gerais. Aguardam a criação do CEC e entraram como sócios fundadores. (Ribeiro, 1997, p. 29)

Sobre Fernandes, impressão similar será reforçada por outro “cequiano” ilustre, o diretor (João) Maurício Gomes Leite, nome proeminente da “Revista de Cinema” (e que irá colaborar com “Cinerama”, sendo provavelmente o entusiasmado leitor “João M. Gomes” que escreve a primeira carta à publicação) conforme citado por Geraldo Fonseca: ““Raimundo era o CEC-carne, era o resumo-sangue do que se passava na pequena tela (...) era o faz-tudo e também o pólo-crítico (...) No dia em que o Raimundo Fernandes deixar o CEC, ele acaba”” (Leite apud Fonseca, 2001, p. 26).

Sobre a estreia oficial do CEC com “Cinema” no circuito editorial, curiosamente, não encontramos mais informações, mesmo em outras importantes obras de referência do grupo ou da “Revista de Cinema” (como Coutinho e Gomes, 2001 ou Ciccarini e Miranda, 2014). Mas, debruçando-se sobre a publicação, outro destaque que nos chama a atenção é o fato de que “Cinema” abre com uma discussão sobre os filmes experimentais de Maya Deren e fecha com um resultado de um concurso de trabalhos entre os associados, o qual seleciona uma crítica do filme “Por amor também se mata”, de John Berry, escrita por Maria Antonieta Rocha Salles, anteriormente mencionada.

De modo geral, “Cinema” se apresenta como um projeto editorial direcionado para uma circulação intra-cineclube. Essa ideia aparece por duas tentativas do plano editorial da revista: de formar uma comunidade e de criar um pensamento crítico comum dentro da associação.. O primeiro é claro na seção de “Novos Sócios”: anúncio dos novos associados. Isso também acontece nos textos publicados, já que todos são igualmente de associados do grupo - com exceção do que trata de Maya Daren, do roteirista Lewis Jacobs, mas que, ainda assim, recebe tradução de Guy de Almeida.

Outra seção anuncia o “Concurso de Trabalhos”, na qual é exposto concurso mensal e permanente. As críticas submetidas têm de seguir um questionário de quatro perguntas: “1) Na sua opinião, este filme tem valor? Por que?; 2) O que mais lhe impressionou neste filme e por qual razão?; 3) Qual o valor predominante dêste filme?; 4) Nele, há harmonia entre o tema e sua realização”. Assim, diferentemente da Revista de Cinema, que valorizava textos mais abertos, longos e teóricos, aqui ganha espaço os textos mais curtos, formulaicos e centrados, apenas, na opinião do crítico.

Para além do texto de Maria Antonieta Rocha Salles presente na edição, outros dois textos também respondem ao questionário: a crítica de “Sublime Devoção”, de

Odimir Geraldo de Moura, e a de “Serenata Prateada”, de Afonso Estevão Torres (presidente do CEC no momento da publicação). Contudo, ambos os textos seguem o questionário à risca: o texto não é corrido como o de Maria, mas em tópicos, respondendo cada uma das perguntas separadamente. Assim, é possível compreender uma tentativa de criação, por parte da revista, de uma crítica comum aos associados do CEC, sejam simples sócios ou dirigentes da organização.

O caráter dessa formatação crítica talvez seja o ponto nodal da diferenciação editorial entre este número de Cinema e o que viria a ser a Revista de Cinema poucos anos depois, absoluta - e felizmente - não dependente dessa obrigação formulaica na redação de seus textos. Todavia, vale o destaque nessa edição para a atenção dada não só para uma realizadora como também uma crítica feminina, textos que abrem e fecham a edição, que se complementa com breves notas, incluindo a lista de novos sócios e pequenos anúncios variados.

Estes, por sua vez, evidenciam um mercado editorial, foto/cinematográfico presente na cidade com as empresas Cinevox; Studio Albuquerque; Gráfica Ribamar; Papelaria e Tipografia Brasil; Foto Retz; Televisão Mineira [toca-discos e vinis, apesar do nome]; Livraria Oscar Nicolai [especializada em cinema, teatro; fotografia]; além de restaurantes e bebidas (A Camponeza e guaraná Gato Preto); lojas variadas (Casa da Borracha e Campeão da Avenida).

Nomes presentes em “Cinema”, Maria Antonieta, Fernandes e Novaes publicarão outros textos críticos no periódico lançado no ano seguinte, “Cinerama”, revista de seis páginas, da qual o acervo tem os números 1 a 9 e 11, lançados entre fevereiro e novembro de 1953 - meses antes, portanto, da estreia de “Revista de Cinema” em abril de 1954. Uma das poucas menções encontradas sobre esta publicação, aparentemente mais uma “fora da pressão de tempo e espaço dos jornais diários” foi citada pelo “cequiano” Vítor de Almeida novamente a partir de outra lembrança de Fonseca: “Dentro do próprio CEC, José Roberto Duque de Novaes lançou Cinerama, impressa em mimeógrafo e vendida a Cr\$ 0,20 o exemplar, lembrou Geraldo Fonseca.” (Almeida, 2001, p. 174).

Como visto acima, José Roberto Duque de Novaes, citado entre os integrantes fundadores da “Revista de Cinema” e da primeira hora do CEC, no expediente de “Cinerama”, aparece como editor responsável e vai manter praticamente em todos os

números consultados textos sobre o cinema nacional e o circuito de cineclubes brasileiros. Da série sobre cinema nacional, destacamos a abertura de texto publicado na edição n.2 em que critica o cinema neo-realista (elogiado no célebre texto de abertura da “Revista de Cinema” em abril de 1954: “A revisão do método crítico”, que será debatido posteriormente nas próprias páginas daquela publicação). Para Novaes,

Alguns acham que o cinema brasileiro devia tomar por exemplo o cinema italiano, e infiltrar-se no neorealismo. Nós, por outro lado, julgamos que em um país como o nosso deve ser feito um cinema à base dos contos fantásticos, ou pelo menos sobrenatural. Um cinema que nos dê alegria e diversão sem ser tão idiota como as produções comerciais americanas e nem tão profundas quanto os dramas ingleses. Neste imenso país o povo precisa de uma alegria pura, que nem sempre há na realidade. Entre nós, o neorealismo seria mentiroso, pois no Brasil, ao contrário da Itália, há diversas condições de vida por demais diferentes. Se um filme nos mostrasse a vida em Copacabana estaria pecando pois no nordeste a vida é dura e sem alimentos. (Novaes, 1953, p. 1 e 4)

Ainda que de forma modesta, podemos conhecer mais alguns textos de Raimundo Fernandes nos primeiros números da publicação: uma crítica do filme “Oliver Twist” (Cinerama n.2) e apontamentos sobre o cinema argentino (“Deus lhe pague”, Cinerama n.4). Já Maria Antonieta Salles produziu oito críticas sobre os seguintes filmes: “Aventura na África” (Cinerama n.3); “Viva Zapata” (n.5); “Chaga de fogo” (n.6); “Uma rua chamada pecado” (n.7); “Encontro na ponte” e “Volúpia de matar” (n.8); “As duas verdades” (n.9) e “As neves do Kilimandjaro” (n. 11). As edições trazem ainda textos de Roberto Nobre, Floriano Vaz, Sandoval Pereira, Raquel de Queiroz, Humberto Mauro e traduções de Billy Wilder e E.E. Eichelbaum, dentre outros, além de séries sobre produtores cinematográficos e cronistas mineiros.

Assim como “Cenário”, “Cinerama” divulga sessões de cinema promovidas pelo CEC, reuniões do grupo e até mesmo a ficha para se inscrever como sócio. Portanto, se não atuava como publicação oficial do grupo, a ele sempre remetia informações e serviços, mas também seguia ainda noticiando ou comentando alguns debates maiores em torno do CEC. No número 2, por exemplo, chegam a falar que a entidade pode acabar se não encontrar uma sede para a exibição dos filmes e lançam uma campanha para tal. No número 4, comentam a polêmica saída do CEC de uma “Semana do filme brasileiro” que repercutiu em toda a imprensa. No número 5, lamentam a suspensão das atividades do CEC pela presidência após a devolução do projetor. No número 9,

animados pela informação de que “Cinema” poderia voltar a circular, afirmam que abandonariam o projeto de “Cinerama” por esse retorno: “Considerando que nosso diretor foi um dos que ajudaram a realização do primeiro número de CINEMA e que dois membros da diretoria apoiarão o jornal, resolvemos, logo que passe a circular CINEMA, suspender a circulação de CINERAMA, pois todo apoio deve ser dado ao CEC.” (Cinerama, 1953a, p.5, grifos do autor) - medida que, em reverso, pode até sugerir que o surgimento de “Cinerama” se deu pela não continuidade de “Cinema”.

Considerações finais

Na “Revista de Cinema”, em varredura dos nomes de Fernandes e Novaes pelos exemplares disponíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, Raimundo Fernandes aparece somente mencionado *en passant* em algumas brevíssimas citações. A principal é um texto de Novaes em sua coluna “Pelos cineclubes” (que irá manter até sua saída da publicação). Novaes comenta a eleição de Fernandes para a presidência do CEC em 1954, sob cujos resultados “considera-se encerrada a crise em que vinha se debatendo a entidade. Daqui os nossos votos de felicidade e prosperidade para o CEC e de feliz mandato para a nova diretoria” (Novaes, 1954, p. 19).

O próprio Novaes, além desta coluna, terá outra ocorrência na “Revista de Cinema” sobretudo em torno de série sobre o cinema brasileiro, intitulada “Notas sobre o Cinema Nacional”. Coluna e série, portanto, muito provavelmente, inspiradas naquelas escritas em “Cinerama” sobre os mesmos temas. E é só. No editorial dos números 13-14, publicados em abril e maio de 1955 - um ano após o início da revista, portanto - lamenta-se a saída de Novaes, “que deixa a direção da revista chamado por outras atividades. José Roberto foi um dos fundadores desta publicação, a quem emprestou, nesse primeiro ano de vida, o melhor de seu entusiasmo e sua boa vontade” (Revista de Cinema, 1955, p.3). Sobre Maria Antonieta Salles, nenhuma ocorrência.

Assim, um exame ainda mais atento das páginas das três publicações aqui reunidas, “Cenário” (1952); “Cinema” (1952) e “Cinerama” (1953) poderá fornecer um quadro rico e importante não só dos três primeiros anos de criação do CEC, seus debates, polêmicas e questões, que ressonavam para além do próprio grupo. E que também funcionam como um painel importante dessa fortuna crítica de autores que, integrantes ou contemporâneos do grupo, como Maria Antonieta Salles, José Duque Novaes, Raimundo Fernandes, tiveram pouco ou mesmo nada publicados nas páginas

da revista que consagraria o CEC para o Brasil e o mundo, evidenciando desafios e paixões de uma cena cineclubista belo-horizontina que se consolidava naquele período.

Referências

ALMEIDA, V. A crítica, o CEC, a Revista de Cinema e o cinema. In: COUTINHO, M. A. e GOMES, P. A. **Presença do CEC - 50 anos de cinema em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Crisálida, 2001, p. 169 a 181.

CALDEIRA, C. L. Na cena histórica do CEC. **Cenário**. Belo Horizonte, 1952, p.1 e 2.

CENÁRIO. Belo Horizonte: 1952.

CICCARINI, R. e MIRANDA, M. (orgs.). **Revista de Cinema**: Antologia (1954-1957 / 1961-1964), volumes I e II. Prefácio de Ismail Xavier. Belo Horizonte: Azougue editorial, 2014

CINEMA. Belo Horizonte: 1952.

CINERAMA. Belo Horizonte: 1953. Várias edições (fevereiro a novembro)

CINERAMA. A nossa sorte. **Cinerama**. Belo Horizonte, 1953a, p.5

COUTINHO, M. A. e GOMES, P. A. **Presença do CEC - 50 anos de cinema em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Crisálida, 2001.

FONSECA, F. P. CEC: origens e atuação. In: COUTINHO, M. A. e GOMES, P. A. **Presença do CEC - 50 anos de cinema em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Crisálida, 2001, p.21-28

GOMES, P. A. 100 anos de cinema em Belo Horizonte. **Varia História**, 18. set, 1997, p. 347-372.

LINHARES, J. N. **Itinerário da imprensa de Belo Horizonte**: 1895 – 1954. Estudo crítico e nota biográfica de Maria Ceres Pimenta S. Castro. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995.

MAGALHÃES, G. Duas ou três coisas... In: COUTINHO, M. A. e GOMES, P. A. **Presença do CEC - 50 anos de cinema em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Crisálida, 2001, p.229-232.

NOVAES, J. R. D. Cinema nacional. **Cinerama**. Vol. 2, 1953, p.1 e 4.

NOVAES, José Roberto D. Pelos Cineclubes. **Revista de Cinema**. Vol. 8. Novembro de 1954, p. 19.

REVISTA DE CINEMA. Editorial. **Revista de Cinema**. Vol. 13-14. Abril-maio de 1955, p. 03.

RIBEIRO, J. A. **O cinema em Belo Horizonte**: do cineclubismo à produção cinematográfica na década de 60. Belo Horizonte: editora UFMG, 1997.

XAVIER, I. Prefácio - um elo essencial da crítica brasileira. In: CICCARINI, R. e MIRANDA, M. (orgs.). **Revista de Cinema**: Antologia (1954-1957 / 1961-1964), volumes I e II. Prefácio de Ismail Xavier. Belo Horizonte: Azougue editorial, 2014, p.8-32.